

## **VIOLÊNCIA MONETÁRIA CONTRA O MERCADO**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S. Paulo*, 18.05.1982

A crise da economia mundial tem uma causa em comum com a crise da economia brasileira: a incapacidade dos formuladores de política econômica de compreender as mudanças estruturais por que passaram as economias capitalistas no século XX. Em consequência insistem em uma terapêutica monetarista conservadora, que seria válida para o capitalismo competitivo, mas absolutamente inadequada para o capitalismo monopolista tecnoburocrático que caracteriza as formações sociais contemporâneas.

O paradoxal do processo todo, entretanto, está no fato de que essa terapêutica, baseada fundamentalmente no controle rígido da oferta de moeda e na elevação deliberada da taxa de juros, consiste em uma violência ao mercado esse mesmo mercado que os economistas e banqueiros conservadores, aqui e lá, pretendem ser capaz de controlar automaticamente a economia, simplesmente através do funcionamento da lei da oferta e da procura.

A crise da economia mundial é gravíssima. A última previsão da OECD para os 24 países desenvolvidos que a compõem é de que o crescimento médio do PNB em 1982 será de 0,25%. Há seis meses esperava-se 2%. Em 1981 o crescimento desses países já foi de apenas 1,2%. A crise financeira é generalizada. Segundo o Banco de Amsterdão Roterdão, 26 países estão com seus pagamentos em atraso. Os índices de endividamento são altíssimos. Os Estados Unidos perderam o controle da economia mundial desde o início dos anos setenta. A ameaça de uma bancarrota geral é cada vez mais grave

É claro que essa crise tem causas estruturais, relacionadas com a dinâmica dos ciclos longos (de aproximadamente 50 anos). Depois da grande expansão do pós-guerra era natural uma desaceleração.

Mas essa desaceleração está sendo agravada pela política econômica monetarista. A grande expansão do pós-guerra foi realizada sob a orientação de políticas econômicas keynesianas. Quando estas políticas, baseadas na administração da demanda agregada,

começaram a apresentar dificuldades, revelando-se incapazes de controlar perfeitamente a inflação e de equilibrar os balanços de pagamento, estas políticas entraram em descrédito. A maior acusação, contra elas foi a de recorrerem ao mecanismo de stop and go, de travar e acelerar a economia alternadamente.

Mas, ao invés de perceberem que esse mau-funcionamento das políticas keynesianas era derivado da crescente oligopolização da economia, que impedia o funcionamento das leis do mercado e exigia uma política administrativa adicional de controle de preços, salário, juros e câmbio, para ajustá-los a seus valores de mercado, banqueiros e economistas conservadores decidiram que o problema estava na incapacidade dos governos de manter uma política recessiva, de stop, por tempo suficiente. Em consequência, há mais de dois anos começou nos Estados Unidos e há mais de um ano no Brasil uma política recessiva de longa duração.

Esta política de restrição monetária a longo prazo quando a economia já se encontra em recessão, mantém as taxas de juros elevadas artificialmente, e assim impede a retomada da economia. Em um mundo onde sobra dinheiro devido à necessidade de reciclagem dos petrodólares, a taxa de juros nunca foi mais alta. Realmente estamos diante de uma violência contra as leis do mercado, realizada pelos seus mais fiéis defensores. Os responsáveis são economistas e banqueiros de visão curta. A vítima é a economia mundial ameaçada pela depressão. E é claro que nós, no Brasil, estamos nesse mesmo barco. Temos os algozes locais e somos a própria vítima.(18/05)